

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

ALESSANDRA MARQUES DA SILVA FAGUNDES

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I pertence ao gênero textual que será trabalhado ao longo de todo o 4º Bimestre, o romance. Trata-se de um fragmento do capítulo II do livro “*Lucíola*”, de José de Alencar. Nesta parte da história, encontramos Paulo, recém-chegado ao Rio de Janeiro, onde conhece Lúcia, requisitada cortesã.

LUCÍOLA

JOSÉ DE ALENCAR

A primeira vez que vim ao Rio de Janeiro foi em 1855.

Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo.

Era ave-maria quando chegamos ao adro; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, nos resignamos a gozar da fresca viração que vinha do mar; contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus adornos.

Enquanto Sá era disputado pelos numerosos amigos e conhecidos, gozava eu da minha tranquila e independente obscuridade, sentado comodamente sobre a pequena muralha e resolvido a estabelecer ali o meu observatório. Para um provinciano recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, a doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários matizes e infinitas gradações?

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os

tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.

— *É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.*

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas, esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

— *Já vi esta moça! - disse comigo. Mas onde?...*

Ela pouco se demorou na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da fronte.

— *Quem é esta senhora? - perguntei a Sá.*

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— *Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la? . . .*

VOCABULÁRIO

“serpejava nas faldas do outeiro” – caminhava nas ondulações do morro.

Ermida: pequena igreja.

Adro: espaço descoberto das igrejas.

Obscuridade: humildade.

Caucasiano: de raça branca.

Baeta: pano de lã.

Diáfano: transparente, límpido.

Ressumbrava: suspirava.

Laivos: demonstrações.

Bonomia: bondade e simplicidade.

ATIVIDADES DE LEITURA

1. A descrição, ou texto descritivo, é a redação que dá informações detalhadas sobre determinado ser, objeto, lugar ou mesmo um sentimento. O objetivo desse texto é fazer com que o leitor consiga imaginar e recriar na própria mente a imagem do ser ou objeto descrito.

Essa descrição poderá ser:

Objetiva – é aquela apresenta o objeto de forma concreta, buscando maior proximidade com a realidade, deixando de lado as impressões do observador. Apresenta características como: *forma, tamanho, peso, cor, espessura, volume, etc.*

Exemplo: “*Mônica tem 1,65 de altura e 50 kg. Branca, olhos claros, cabelos castanhos, compridos e lisos.*”.

Subjetiva – o objeto é transfigurado conforme a sensibilidade do observador, ou seja, o objeto é descrito da forma como ele é visto e sentido. O observador transmite para a descrição a sua emoção em relação ao objeto.

Exemplo: “*O sujeitão, que parecia um carro de boi cruzando com trem de ferro, já entrou soltando fogo pela folga do dente de ouro.*” (José Cândido de Carvalho).

Baseando-se nestas informações correlacione os trechos destacados como “O” para descrição objetiva ou “S” para descrição subjetiva:

() Conforme o costume, a grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas faldas do outeiro e apinhava-se em torno da poética ermida, cujo âmbito regurgitava com a multidão do povo.

() Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo;

() Todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a casimira pela baeta ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.

() O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho.

Habilidade trabalhada

Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta

1º: objetiva, 2º: objetiva, 3º: subjetiva, 4º: objetiva.

Comentário

O 1º e o 2º trecho demonstram claramente o desejo do autor de descrever o que via durante a procissão no Outeiro da Glória. O aluno poderá até confundir-se um pouco dado ao rebuscamento do texto de Alencar, próprio da época em que foi escrito. No 3º trecho podemos ver alguns adjetivos como grotescos, arrogante, delicados e impuras, que dão uma característica totalmente subjetiva ao texto, com a visão que o personagem Paulo tem das pessoas que estavam na procissão; já no 4º e último trecho há uma clara descrição objetiva do vestido de Lúcia.

2. As figuras de linguagem fizeram parte de nossos estudos no 2º bimestre deste ano letivo. No 4º bimestre recordamos as figuras **Metáfora** e **Metonímia**, tão usadas na literatura. Vamos lembrar esses conceitos?

Metáfora – emprego de palavras fora do seu sentido normal, por analogia. É um tipo de comparação implícita, sem termo comparativo.

Ex: A Amazônia é o pulmão do mundo.

Metonímia - substituição de um nome por outro em virtude de haver entre eles associação de significado.

Ex: Ler Jorge Amado (autor pela obra - livro) / Ir ao barbeiro (o possuidor pelo possuído, ou vice-versa - barbearia) / Bebi dois copos de leite (continente pelo conteúdo - leite).

Sublinhe nos trechos abaixo qual a **metáfora** e qual a **metonímia** encontradas. Justifique, em seu caderno, sua resposta.

Era ave-maria quando chegamos ao adro; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, nos resignamos a gozar da fresca viração que vinha do mar, contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus adornos.

— *É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira.*

Habilidade trabalhada

Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

Resposta

Metonímia: “*Era ave-maria...*”; Metáfora: “*É uma festa filosófica...*”.

Comentário

Como metonímia temos “*Era ave-maria quando chegamos ao adro*”, onde “*ave-maria*”, representa o contido pelo conteúdo, pois era hora da ave-maria ou estavam rezando uma ave-maria, no momento em que chegaram ao adro; como metáfora temos “*É uma festa filosófica essa festa da Glória!*”, comparando que os momentos que passaram ali serviram para filosofar sobre vários aspectos da vida.

TEXTO GERADOR II

— *Da Europa. Apenas desembarquei, meti-me num carro, e fui passear. Vinte dias embarcada! Sabe o que é isto? Tinha saudade das árvores e dos campos de minha terra, que eu não via há oito meses! Que passeios encantadores por aquelas quintas cobertas de mangueiras, que bordam as margens do rio! Havia uma, sobretudo na Soledade, que me encantou: era uma casinha muito alva que aparecia no fundo de uma rua de arvoredo sombrio; mas tudo tão gracioso, tão bem arranjado que parecia uma pintura. Duas senhoras, uma já de idade, que me pareceu a mãe, e outra ainda mocinha e muito bonita, passeavam pela quinta colhendo flores e*

frutas. Mandei parar o carro, e fiquei olhando com inveja para a casa e as duas senhoras, pensando na vida tranquila e sossegada que se devia viver naquele retiro.

1. O texto gerador II é fragmento da mesma obra, “*Lucíola*” e mostra Lúcia contando como era a vida na Europa. No trecho vemos a importância do bom emprego da pontuação para entendimento do discurso.

Você lembra-se quais são as principais situações em que utilizamos vírgulas? Marque um X nas alternativas corretas e, em seguida, indique qual das situações (de 1 a 8) que justificam o seu uso no período abaixo:

“Tinha saudade das árvores e dos campos de minha terra, que eu não via há oito meses!”

1. () Emprega-se vírgula para isolar aposto e vocativo.
2. () Emprega-se vírgula para separar termos que exercem a mesma função sintática.
3. () Emprega-se vírgula para indicar verbo no imperativo.
4. () Emprega-se vírgula para separar sujeito do predicado.
5. () Emprega-se vírgula para indicar verbo elíptico
6. () Emprega-se vírgula para indicar quem é o sujeito da frase.
7. () Emprega-se vírgula para isolar nome de lugar, antes de datas.
8. () Emprega-se vírgula para separar orações subordinadas.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.

Resposta

Para isolar apostro e vocativo; separar termos que exercem a mesma função sintática; indicar verbo elíptico; isolar nome de lugar, antes de datas; separar orações subordinadas. A opção 8 é a justificativa para o uso da vírgula no período.

Comentário

Tais regras de pontuação não devem ser decoradas e sim entendidas e aplicadas. Sabendo-as, o aluno irá “*sentir*” a necessidade de utilizar a vírgula ou não.

REFERÊNCIAS

<http://youtu.be/cBx9ZSuROHQ>

<http://www.brasilecola.com/portugues/figuras-linguagem.htm>

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>

<http://www.colegioweb.com.br/portugues/descricao-objetiva-e-subjetiva.html>

<http://profpaulo.weebly.com/conectores-de-discurso.html>

Acessados entre 16 e 17 de novembro de 2012